

CARVALHO, Sandra S. *Acompanhamento terapêutico: que clínica é essa?* São Paulo: Annablume, 2004. 148p. ISBN: 8574194166.

É bem verdade que o Acompanhamento Terapêutico, mesmo tendo aparecido há mais de 25 anos no Brasil, continua sendo palco para muitas questões, e ainda guarda um certo ar de novidade no cenário dos tratamentos em saúde mental. Apesar da rapidez com que a contemporaneidade tem apresentado novas propostas e avanços em todas as áreas do conhecimento, a leitura mais calma da história tem mostrado, no entanto, que são necessárias décadas na manutenção de uma determinada prática, em um determinado campo, para que se possa apoiar sobre ela maior responsabilidade, sem o risco de um desabamento precoce.

O livro *Acompanhamento Terapêutico: que clínica é essa?* apresenta no título uma pergunta, mas já esclarece algo de início. O que pode ser óbvio para alguns, para outros não é tanto: o Acompanhamento Terapêutico é uma clínica. Clinicar nasceu na prática da medicina e significa dobrar-se, inclinar-se diante do leito do paciente e observar, com o olhar, todos os sinais e evidências da doença de um determinado corpo. A clínica clássica organizada em torno de uma semiologia, de uma diagnóstica, de uma etiologia e de uma terapêutica, sofre modificações, principalmente a partir do século XIX, com o aumento e a diversificação de especialidades clínicas. Quando a psicanálise surge, um novo projeto clínico a acompanha, ao deslocar a função primordial do olhar sobre os signos visíveis da doença, para a escuta do que o sujeito tem a dizer sobre si e seus sintomas.

“O que o corte, a subversão e a ressignificação representada pelo surgimento da clínica psicanalítica mostram é que sua semiologia, constituída pela fala do paciente, sua diagnóstica, na transferência, sua concepção etiológica, baseada no inconsciente e sua terapêutica, fundada na escuta analítica, constitui um conjunto covariante e homogêneo do ponto de vista epistemológico e ético” (Dunker, 2000, p. 54).

Sandra Carvalho – autora do livro originado de sua dissertação de mestrado defendida junto ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília em 2002 – esclarece que seu foco não é retomar a história do surgimento do Acompanhamento Terapêutico como prática clínica. Mesmo assim, um breve histórico, esclarecimentos a respeito do caráter interdisciplinar dessa modalidade de tratamento, da definição do que é e a quem o acompanhamento terapêutico se destina, suas relações com a reforma psiquiátrica e com a clínica do cotidiano – todos estes aspectos apresentados nos primeiros capítulos – tornam o texto uma referência esclarecedora e bem sistematizada para qualquer pessoa que queira ou precise entrar em contato com o assunto tratado.

A originalidade do trabalho de Sandra Carvalho está em partir do pressuposto que se a clínica do Acompanhamento Terapêutico existe, se já trouxe resultados palpáveis e contribuições teóricas que a legitimam, há um personagem nessa história que poderia ser melhor “explorado”.

Como o acompanhamento terapêutico não tem um setting fixo para acontecer, como seu campo é móvel, como deve e pode ser realizado na rua, no restaurante, nos parques, nos shoppings, nas casas, nos espaços de circulação cotidiana de todos nós, essa saudável mas vertiginosa errância trouxe a possibilidade de que os encontros com os pacientes fossem compartilhados entre os colegas, nas supervisões e na construção teórica, utilizando-se uma linguagem que fizesse jus a toda essa mobilidade profissional: uma narrativa cênica. Os protagonistas dessa narrativa sempre são a dupla acompanhante/acompanhado, e como em um making off, a autora vai para os bastidores e propõe uma caracterização do AT a partir do ponto de vista de acompanhantes terapêuticos.

O texto privilegia a visão daquele que trabalha no cotidiano construindo a clínica. Quem são esses profissionais e o que pensam do que fazem? Como primeiro resultado, o livro traz o levantamento de um perfil dos acompanhantes terapêuticos inscritos no 3º Encontro Paulista de Acompanhantes Terapêuticos e 1º Encontro Nacional de Acompanhantes Terapêuticos, realizados em São Paulo em maio de 2001, colhidos através da ficha de inscrição. Em seguida, foram analisados trinta e dois questionários, que juntamente a uma entrevista realizada com Dr. Nelson Carrozo, compuseram a base da “caracterização do Acompanhamento Terapêutico como modalidade de tratamento de saúde”.

Como a autora salienta, seu livro procura contribuir para uma visão do coletivo dos acompanhantes terapêuticos nos dias atuais, no sentido de ampliar algumas discussões importantes relativas à formação desses profissionais, assim como o de todos aqueles que se envolvem em um projeto de atuação junto a pacientes com sofrimento mental. O interesse do estudo não é apresentar uma visão generalista do profissional, mas trazer informações que sirvam de base para novas reflexões. Algumas constatações do perfil dos acompanhantes – maioria trabalhando em São Paulo, formados em psicologia, sexo feminino, jovens com pouca experiência, apoiados na psicanálise, exercendo outras atividades além do AT – não parecem surpreender ninguém, principalmente aqueles que estão nesse mercado de trabalho. São sinais que confirmam algumas especificidades do Acompanhamento Terapêutico que seguem precisando de maiores discussões, e que o livro, sabiamente, não pretende esgotar.

Referências Bibliográficas

DUNKER, C.I.L. Clínica, linguagem e subjetividade. Revista Distúrbios da Comunicação. São Paulo, 12(1): 39-60, dez/2000.

Luciana Goldman

Psicóloga; Psicanalista; Acompanhante terapêutica.

e-mail: lugoldman@terra.com.br